



ABRE ALAS 20

A
GENTIL
CARIOCA



ABRE ALAS²⁰

curadoria de [curated by] Ana Carolina Ralston, Bianca Bernardo, Catarina Duncan,
Georgiana Rothier e Thayná Trindade

Almeida da Silva, Amóri, ANTi,
Asmahen Jaloul, Badu, Blecaute,
Bruno de Souza, Carolina Marostica,
Cecilia Avati, Dandara Catete,
Helena Rodrigues, João Machado,
Ju Moraes, Lucas Ururahy, Lui Trindade,
Ma Konder, Matheus de Simone,
Mayra Sérgio, Mônica Barbosa,
Naia Ceschin, Natália Quinderé,
Pérola Santos, R. Trompaz, Rainha F.,
Shay Marias, Sophia Pinheiro,
Stefanie Queiroz, Tayná Uráz,
Thaís Basilio, Thais Borducchi,
Thaís Muniz, Vix Palhano, Waleff Dias
e Washington da Selva

Abel Duarte Adeildo Leite Adel Ghezal Adrianna Eu Adriano Braga de Moraes Adriano Costa Adriano Melhem Albarte Alê Souto
Urban Alessandro Sartore Aleta Valente Alex Laurentino Alexandre Brandão Alexandre Furcolin Filho Alexandre Paes Alexandre P
Alexandre Wagner Alice Ricci Aline Brant Aline Motta Allan Sieber Allan Weber Almeida da Silva Amadeo Azar Amador e Jr. Segura
AMID Amóri Ana Bia Silva Ana Hortides Ana Infante ana mohallem Ana Torres André Amaral André Burian André França André Nier
Andrei Muller Andy Villela Angela Od ANNA Anna Costa e Silva Anna Menezes ANTI Anton Steenbock Antonio Tebyriçá AoLeo Arie
Aslan Cabral Asmahen Jaloul Augusto Braz Badu Bárbara Wagner Beatriz Chachamovits Beatriz Nogueira Begué BELLACOMSOM B
Bianca Bernardo Bianca Tomaselli Blecaute bobN Brenda Cantanhede Brenda Valansi Brigada de Incêndio Bruna Lobo Bruno Baptis
Cadu D'Oliveira Caio Pacela Caio Rosa Camila Proto Camila Rocha Camila Soato Carina Sehn Carina Sehn Carlos Cesari Carlos Mat
Carolina Ponte Caroline Valansi Catarina Lina Pereira Cauê Novaes Cecilia Avati Cecília Bona Cecilia Cavalieri Celina Portella Celo C
Complexo da Pedreira Paulo Vinicius Crista Campinho Cristiana Miranda Cristiano Lenhardt Cynthia Loeb Cyshimi Daiane Lucio Danda
Daniel Steegmann Daniela Antonelli Daniela Mattos Danielle Carcav Danielle Cukierma Danielle Fonseca Dariane Martiól Darks Miran
Elana Mann Elisa Castro Elvis Almeida Emilia Estrada Enorê Erica Ferrari Érica Storer Erika Malzoni Erika Romaniuk Escobar Estúdio
Fabiola Morais Fátima Aguiar Fava da Silva Felipe Abdala Felipe Bittencourt Felipe Braga Felipe Carnaúba Felipe Fernandes Fernanda
Francilins Francisco de Almeida Frederico Filippi Frederico Ramires Gabi Gusmão Gabriel Colaço Gabriel Secchin Gabriela Maciel Gab
Gokula Stoffel Grupo Empreza Grupo Indigestão Guerreiro do Divino Amor Guga Guilherme Callegari Guilherme Ginane Guilherme Kid
Gustavo Torrezan Hapak Hariel Revignet Helena Rodrigues Ian Schuler Ícaro Lira Igor Vidor Ilan Waisberg Isabela Sá Roriz Ivan Schulze
Jaime Lauriano James Eisen Janaina Miranda Jardineiro André Feliciano Jâred Domicio Jeane Terra Jeferson Andrade Jeff Mendes
Jeff Seon Jesus Roman João Loureiro João Machado João Paulo Racy João Penoni Joelington Rios Jonas Arrabal Jorge Cupim
Jorge Soledar Joshua Callaghan Josi Jota Carneiro Ju Moraes Juan Parada Judith Augustinovič Julia Csekö Julia Debasse
Julia Pombo Juliana dos Santos Juliana Moraes Julio Lucio João Kammal Kika Diniz Klaudia Kemper Kristofer Paetau Lair Uaracy
Laura Belém Laura Carvalho Leandra Espírito Santo Leandro Eiki Leandro Machado Leka Mendes Leonardo Akio Leonardo Ayres
Leopoldo Henrique Wolf Letícia Lampert Lilian Maus Louise Botkay Lourival Batista Lucas Sargentelli Lucas Ururahy Lúcia Gomes
Luciana Kater Luciana Knabben Luciana Mattioli Luciano Zanette Lui Trindade Luis Andrade Luisa Brandelli Luisa Mota Luisa Puterma
Luiz Pasqualini Luiz Roque Luiz Sisino LYV Lyz Parayzo m. morani Ma Konder Máira das Neves Máira Dietrich Malvina Sammarone
Manoela Medeiros Mapô Marcellvs L. Marcelo Amorim Márcio Vilela Margit Leisner Mari Ra MARIA ANTONIA Maria Helena Bast
Maria Mattos Maria Nepomuceno Maria Noujaim Mariana Honório Mariana Manhães Mariana Pa
Matheus de Simone Matheus Pires Matias Mesquita Mauricio Igor max willà Moraes Maxwell
Milena Travassos Mônica Barbosa Mônica Coster Nadam Guerra & Domingos Guimarães Naia
Newton Santanna Nicolas Grum Nino Cais Noara Quintana Oscar Barbery Patfudyda Patricio
Pedro Urano Pérola Santos Peter Wüthrich PINO Polyanna Morgana Pontogor Pri Fiszman Pr
Rafael Pagatini Rafael Perpétuo Rafael Simba Rafael Simba Rafael Vilarouca Rainha F. Raoni A
Rebola Reitchel Komch Renan Marcondes Renan Soares Renato Bezerra de Mello Renato Cust
Rodrigo D'Alcântara Rodrigo Garcia Dutra Rodrigo Moreira Rodrigo Torres Romain Dumesnil Rom
Shay Marias Sheila Ortega Silia Moan Silvio de Camillis Borges Simone Barreto Simone Cupello S
Talita Hoffmann Tamara Andrade Tania Dinis Tatiana Dager Tatiana Ferraz Tainá Uráz Tchelo Tha
Thiago Ortiz Thiago Thomé Marques Tiago Primo Tiago Rivaldo Ticiano Monteiro Tomás Ribas Tom
Victor Saverio Vijai Patchineelan Virginia Di Lauro Viviane Teixeira Vix Palhano Vulcanica Pokaropa
Xikão Xikão Xulio Rodríguez Yan Copelli Yana Tamayo Yanaki Herrera Yara Pina Yhuri Cruz Yok
Zé Carlos Garcia Zé Tepedino

2005



Elsa Ravazzolo, Ernesto Neto, Laura Lima e Márcio Botner

Aleksandra
Przewodowski Alexandre Vogler
nça Patrimonial LTDA. Amanda Mei
meyer André Sheik Andréa Hygino
el Ferreira Arnaud Levesque Arthur C. Arnold

A
GENTIL

enedito Ferreira Benoit Fournier Bernardo Ramalho Bet Katona Bete Esteves Betelhem Makonnen Bia Martins
telli Bruno Cançad **Bruno de Souza** Bruno Jacomino Bruno Miguel Bruno Osório Bruno Pinheiro Bruno Senise Bruno Vilela
os Carlos Monaretta Carlos Nunes Carmen Riquelme Carolina Bonfim Carolina Cor Carolina Cordeiro **Carolina Marostica**
chico Fernandes Cipriano Clara Luz Claudia Hersz Coletivo ES3 Coletivo Filé de Peixe Coletivo Plástico Preto
ara Catete Dani Spadotto Daniel Albuquerque Daniel Beerstecher Daniel Frota Daniel Jablonski Daniel Lie Daniel Murgel
da David Bert Joris Dhert Deborah Engel Denis Moreira Deolinda Aguiar Diogo Miranda Dirnei Prates Dudu Quintanilha Eduardo Montelli
IMERSIVA Estúdio Móvel Experimental Evandro Machado Evandro Prado Ewa Priester Fábila Schnoor Fabiano Araruna Fabio Tremonte
Andrade Fernanda Figueiredo Fernanda Leme Fernanda Taddei Fernando Peres Florencia Caiazza Florencia Caiazza Fran Junqueira
riela Mureb Gabriela Noujaim Gabriele Mauro Gê Orthof Genietta Varsi Geraldo Marcolini Gilson Andrade Glauca Mayer
Gustavo Speridião Gustavo Torres

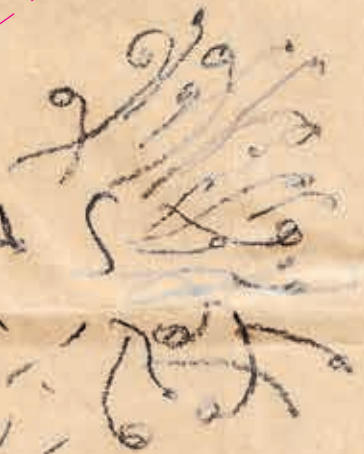


ABRE

20

ARTISTAS
ANOS

ALAS



os Maria Laet Maria Lynch

raizo Marie-Gabrielle Lou Marina de Botas Marina Fraga Marina Lattuca Marina Woisky Marlon de Paula
Alexandre **Mayra Sérgio** Medusa Mery Horta / Amador e Jr. Segurança Patrimonial Ltda. Miguel Penha
Ceschin Nalu Rosa Naomi Shida **Natália Quinderé** Natalie Braido Natha Calhova Nathalia Favaro Nathalie Nery
Gil Flood Paula Huven Paulo Jorge Gonçalves Pedro Gallego Pedro Moreira Lima Pedro Sepúlveda & Vanessa Vásquez
iscila Rezende **R. Trompaz** Rachel Reupke Rafa Bqueer Rafael Abdala & Jessica Goes / PROTOVOULIA Rafael Adorján
zevedo Raoni Iarin Raoni Moreno Raphael Medeiros Raphael Perret Raquel Uendi Raquel Versieux Rebeca Amaral
odio Renato Pera Reynaldo Candia RG Faleiros RHAY Ricardo Villa Rita Queiroga Roberta Paiva Rodrigo Alcon Quintanilha
ano Romy Pocztaruk Roosivelt Pinheiro Rose Afefé Sabrina Fidalgo Sérgio Fernandes Sérgio Torres Sergio Zevallos
Siri Sofia Caeser **Sophia Pinheiro** Sofia Ramos **Stefanie Queiroz** Steffania Paola Stephanie Gervais Tainan Cabral
deu Dias **Thaís Basilio** **Thais Borducchi** Thaís Iroko **Thaís Muniz** Thiago Araújo Thiago Guedes Thiago Modesto
ás Rivas Traplev Ulisses Lociks Uma Moric Umbigo Group Val Souza VAV - Vendo Ações Virtuosas Victor Mattina
Waleff Dias Walter Gam **Washington da Selva** Wilbor

o Nishio Yornel Martinez Zanazanan Zaven Paré

GRATIDÃO
CAR!OCA

ABRE ALAS
arte viva
alguns

ABRE ALAS
multicultural
multicultural

ABRE ALAS
multicultural
multicultural

Há duas décadas, o Abre Alas inaugura o calendário de exposições d'A Gentil Carioca no Rio de Janeiro, sendo uma importante plataforma para artistas do Brasil e do exterior. A cada edição, novos artistas são selecionados por meio de uma chamada aberta e um comitê curatorial, garantindo um panorama da produção contemporânea e promovendo um diálogo vibrante entre diferentes culturas, linguagens e expressões artísticas.

Este ano, é uma alegria apresentar esta exposição com a curadoria de Ana Carolina Ralston, Bianca Bernardo, Catarina Duncan e Thayná Trindade, além de Georgiana Rothier, fundadora da Residência Artística Ybytu. Juntas, elas selecionaram 34 artistas entre 607 portfólios, que refletem os diferentes contextos e linguagens da arte contemporânea, compondo uma exposição plural e diversa.

Celebrando sua 20ª edição, A Gentil Carioca se orgulha de ser uma vitrine para tantas trajetórias e de acompanhar o desdobramento dessas vozes no cenário artístico global. Ao longo dos últimos anos, mais do que uma exposição, o Abre Alas se tornou um lugar de festa, encontro e experimentação, onde a arte assume as formas e os reflexos brilhantes da potência criativa de seus participantes. Compartilhamos os depoimentos das curadoras, que narram suas experiências ao longo do processo curatorial e suas percepções sobre a mostra.

Sejam bem-vindes à celebração de 20 anos do Abre Alas!

O importante não é ser a primeira ou o primeiro, o importante é abrir caminhos, já diria a escritora e linguista Conceição Evaristo. Assim, ampliamos espaços, criamos frestas, passagens e acessos a outros mundos e possibilidades do ser. Adentrar um novo lugar exige, antes de tudo, a existência de uma porta. A Galeria A Gentil Carioca tem há 20 anos criado essas portas a partir de seu instigante programa Abre Alas, no qual artistas emergentes selecionados apresentam um recorte da cena artística contemporânea nacional.

E se o futuro não é um lugar para onde estamos indo, mas sim um espaço que estamos criando, o processo curatorial da edição que celebra duas décadas desse programa também buscou expandir fronteiras e criar aberturas para uma maior diversidade de gêneros artísticos. Nesse percurso, foram explorados métodos, materiais e formatos, tendo como princípios norteadores a autenticidade e a diversidade da obra em si e de quem a faz. O resultado é um panorama que reflete a amplitude da produção artística atual, reunindo, em um único espaço, diferentes expressões que instigam reflexões e inspiram as próximas décadas.

Ana Carolina Ralston

Outro dia, assim de surpresa, uma amiga enviou uma mensagem com a imagem de uma matéria de jornal do ano de 2009. Na matéria, lê-se em letras grandes “Aqui o artista manda”. Na foto, estou sentada no chão ao lado do meu trabalho, com olhar fixo na obra. A exposição, que aconteceu há 15 anos atrás, era o Abre Alas, na galeria A Gentil Carioca. Sim, quando comecei a minha trajetória nas artes, comecei como artista! E inevitavelmente, ter recebido essa mensagem foi como viajar no tempo e tocar novamente nas sensações daquele momento. Eu lembro da vibração alegre por ter sido selecionada e estar apresentando meu trabalho ao lado de outros artistas e amigos que eu já admirava tanto; do nervosismo de estar pela primeira vez em uma mostra de galeria; da minha dificuldade em precificar a obra e entender

o funcionamento e as negociações do mercado de arte; e também de todo o reconhecimento e carinho do público que recebi na noite de abertura.

E não é que a roda da vida, em seu movimento extraordinário, gira e me traz de volta para o Abre Alas, agora como uma das curadoras da exposição. Se você me perguntasse se eu poderia imaginar que estaria aqui há 15 anos atrás, eu diria que não. A minha Bianca do passado, uma jovem artista, cheia de sonhos e incertezas, que respondia ao mundo com sua poética e sensibilidade, percorreu muitos lugares e passou por diversas experiências, que foram construindo o caminho no próprio caminhar, levando algumas vezes para direções e situações imprevisíveis.

É com afeto que agradeço a oportunidade em dar prosseguimento ao meu comprometimento de vida, e assim, conhecer novos artistas em início de suas carreiras e poder apoiá-los na participação dessa exposição que espero, seja uma vivência tão significativa e transformadora como foi para mim, para você.

Bianca Bernardo

Abre Alas 20 afirma o quanto o projeto marca a temperatura da produção artística a partir do eixo sudeste no Brasil. Recebemos obras que permeiam diversas práticas, da fotografia à escultura, do desenho à performance e tem como característica comum a experimentação. Estamos diante de um grupo de artistas que se permitem arriscar, e por isso construir a partir do corpo, outras cosmologias.

É sempre um desafio e uma honra, selecionar artistas e obras em processos seletivos, seguimos em um alinhamento comum critérios que consideravam diversidade, território e autenticidade. Chegamos em um resultado que atravessa narrativas sobre o sonho, o corpo, a liberdade, a terra, a disputa, as ruas, o cotidiano e a ancestralidade.

Catarina Duncan

Participar do processo curatorial do Abre Alas foi uma experiência transformadora e enriquecedora. A oportunidade de mergulhar na diversidade de propostas artísticas enviadas revelou não apenas a potência criativa dos artistas, mas também a ampliação do meu olhar sobre a produção de artistas independentes. Cada decisão foi permeada por reflexões profundas sobre a relevância das obras, a conexão com o momento atual e a diversidade de vozes que desejamos amplificar. A importância de ampliar o diálogo entre as diferentes perspectivas trazidas pelos artistas foi uma troca que ampliou minha visão sobre o papel da arte como expressão e resistência, principalmente no momento atual. Esse projeto reafirmou a importância de criar espaços de visibilidade para novos talentos e de sustentar processos baseados em colaboração.

Georgiana Rothier

Integrar a curadoria do Abre Alas 20 foi uma experiência desafiadora e transformadora. Ao lado de quatro curadoras brilhantes, analisei cerca de 160 artistas, em um processo que evidenciou a diversidade e a potência da arte contemporânea no Brasil. A pluralidade de vozes e linguagens destacou a urgência de ampliar narrativas racializadas e de gênero, reafirmando a arte como espaço de resistência e renovação. As propostas variaram entre experimentações e releituras de linguagens tradicionais, tensionando os limites da arte. Grata à Gentil Carioca por essa oportunidade, sigo comprometida em abrir caminhos para que essas vozes continuem ecoando.

Thayná Trindade

For two decades now, Abre Alas has been opening the calendar year of exhibitions at A Gentil Carioca in Rio de Janeiro, and has established itself as an important platform for artists from Brazil and abroad. Each edition, new artists are selected through an open call by a curatorial committee, ensuring a panoramic view of contemporary practice and promoting a vibrant dialogue between cultures, languages and artistic expressions.

This year, it is a great pleasure to introduce this exhibition curated by Ana Carolina Ralston, Bianca Bernardo, Catarina Duncan and Thayná Trindade, as well as Georgiana Rothier, founder of the Ybytu artistic residency programme. Together, they chose 34 artists out of 607 portfolios, who reflect different contexts and languages in contemporary art and make up a plural and diverse exhibition.

At this moment of celebrating Abre Alas' twentieth edition, A Gentil Carioca is proud to be showcasing so many trajectories and accompanying the development of these voices on the global artistic scene. Throughout the last years, Abre Alas has become more than an exhibition, it is now a place for celebration, encounters and experimentation, where art takes on the forms and brilliant reflections of the creative power of its participants. We share the statements of the curators, who discuss their experiences during the curatorial process and their perceptions on the show.

Welcome to the celebration of the twentieth anniversary of Abre Alas!

It's not important to be the first, but to open new paths, as writer and linguist Conceição Evaristo would say. In this way, we expand spaces, create gaps, passageways and access to other worlds and possibilities for being. Entering a new place first of all requires the existence of a door. For 20 years now, A Gentil Carioca Gallery has been creating these doors through its stimulating Abre Alas programme, in which selected emerging artists present a piece of the national contemporary art scene.

And if the future is not a place we are headed towards, but a space we are creating, the curatorial process of this edition that celebrates two decades of the programme also set out to widen the borders and create openings for a greater diversity of artistic genres. In this process, methods, materials and formats were explored, using the guiding principles of authenticity and diversity of the work itself and of those who created it. The result is a panorama that reflects the wide range of current artistic production and gathers in the same space different expressions that foster reflections and inspire the next decades.

Ana Carolina Ralston

The other day, out of the blue, a friend sent me a message with an image of a newspaper article from 2009. It said in large letters, 'Here the artist makes the rules'. In the picture, I'm sitting on the floor with my work beside me and my gaze fixed upon it. The exhibition, which took place fifteen years ago, was Abre Alas, at A Gentil Carioca gallery. Yes, when I started my career in the arts, I started as an artist! And inevitably, receiving this message was like travelling back in time and feeling the sensations of that moment all over again. I remember the joyous excitement of having been selected and presenting my work alongside other artists and friends that I already admired very much; the anxiety of taking part in a gallery show for the first time; my difficulty in pricing the work and understanding how the art market functions and negotiates; and also all the recognition and affection I received from the audience on the opening night.

And now the wheel of life, in its extraordinary dynamics, spins and brings me back to Abre Alas, this time as one of the curators

of the show. If you had asked me 15 years ago if I could imagine being here today, I'd say no. My past Bianca, a young artist full of dreams and uncertainties, who reacted to the world with her poetics and sensitivity, went to many places and had many experiences, which paved the way in the very act of walking it, often leading her in unpredictable directions and situations.

It is with affection that I give thanks for the opportunity to maintain my life commitment, and in this way get to know new artists at the start of their careers and support them in participating in this exhibition, which I hope will turn out to be an experience as significant and transformative to you as it was to me.

Bianca Bernardo

Abre Alas 20 affirms to what extent the project is a thermometer of artistic production in the southeast of Brazil. We received works that span a diversity of practices, from photography to sculpture, from drawing to performance, but whose common feature is experimentation. We're looking at a group of artists who allow themselves to take risks, and therefore build other cosmologies from the body.

It is always a challenge and an honour to select artists and works in these open calls. We went about it by jointly aligning criteria that consider diversity, territory and authenticity. We arrived at a result that traverses narratives on dreams, the body, freedom, land, conflict, the streets, daily life and ancestry.

Catarina Duncan

Taking part in the Abre Alas curatorial process was a transformative and enriching experience. The chance to dive into the diversity of submitted artistic proposals revealed not only the creative potential of the artists, but also the expansion of my own view on the practice of independent artists. Each decision was pervaded by deep reflections on the relevance of the works, their connection to the current moment and the diversity of voices we wish to amplify. The importance of expanding the dialogue

between different perspectives introduced by the artists was an exchange that widened my vision on the role of art as expression and resistance, especially in the current moment. This project has reaffirmed the importance of creating spaces for the visibility of new talents and of sustaining collaborative processes.

Georgiana Rothier

Taking part in curating Abre Alas 20 was a challenging and transformative experience. Together with four brilliant curators, I analyzed around 160 artists, as part of a process that attested to the diversity and potential of contemporary art in Brazil. The plurality of voices and languages highlighted the urgency of expanding racialized and gendered narratives, reaffirming art as a space for resistance and renovation. The proposals varied from experimentations to rereadings of traditional languages, pushing the boundaries of art. I am thankful to A Gentil Carioca for this opportunity and am dedicated to go on opening paths, so that these voices continue to reverberate.

Thayná Trindade

Almeida da Silva



Aos Desumbigados [To the Disembodied], 2024 / Vídeo / 12' 48" /
Edição de 3 +PA [Edition of 3 + AP]

Jogos Cruzados é uma série de performances em que o artista realiza desenhos com pigmentos em pó nos espaços públicos. *Aos Desumbigados* é um desses registros feitos por meio de uma convocação às almas para uma dança no campo material.

A pesquisa se desenvolve por meio de um convite às almas penadas para uma dança no campo material. Esses *Jogos* não são competições ou esportes; na verdade, são autônomos à própria existência, pois não se baseiam na eternização da memória, na verdade são simulacros. São a alegorização de uma necessidade de comunicar aos mundos — aqui, lá e o entre — o desejo de viver bem. Através deles, é possível transfigurar, remodelar e incluir na memória o poder da imaginação, recuperando a vitalidade destituída de quem veio antes e para quem virá depois.

Crossed Games is a series of performances in which the artist makes drawings with powdered pigments in public spaces. *To the Disembodied* is the record of one of these performances, made through a call to souls for a dance on the material plane.

The research is developed through an invitation to tormented souls for a dance on the material plane. These games are not competitions or sports, rather, they are autonomous from existence itself, because they are not based on the externalization of manipulated powers, they are simulacra. They are the allegorization of a need to communicate with other worlds — here, there and in between —, the desire to live well. Through them it is possible to transfigure, remodel and include the power of imagination in our memory, to recover the vitality that was depleted in those who came before and those who will come after.

Entre o uso da plasticidade e da presença, Almeida da Silva (1997) desenvolve estratégias de inversão na história por meio das relações de abundância e de bem-viver, em diálogo com a memória afro-brasileira. Sua prática, que reivindica o direito à imaginação como tecnologia de comunicação, reverencia aqueles que não podem ser vistos pelos olhos do corpo material. Atualmente, desenha portais no chão das esquinas para a materialização de presenças esquecidas.

Between the use of plasticity and presence, Almeida da Silva (1997) develops strategies of inversion in history through relationships of abundance and living well, in dialogue with Afro-Brazilian memory. His practice, which claims the right to imagination as a technology for communication, holds those who cannot be seen by the eyes of the material body in high esteem. He is currently drawing portals on the ground at street corners, for the materialization of forgotten presences.

Amorí



D'alva, Vésper e a Noite [D'alva, Vésper and the Night], 2024 /
Óleo sobre tela [Oil on canvas] / 39 x 38 x 2 cm

Amorí (1995), artista de Ribeirão, Zona da Mata Sul de Pernambuco, morando em Recife há 13 anos. De prática transdisciplinar, desenvolve uma pesquisa resultante da incessante repetição de formas abstratas que transitam por paisagens de sua memória e universos surrealistas. Os trabalhos são desenvolvidos com látex, ferro, cerâmica e diferentes materiais residuais. Recentemente fez parte das residências artísticas *Oficina Solar* (RJ) e *Poró: Dinâmicas de Vazão do Corpo* (PE), está com a exposição individual *À medida que as estrelas colapsam* na Torre Malakoff (PE) e expôs no Sesc Garanhuns na coletiva *Fibra Viva*.

Amorí (1995) is an artist from Ribeirão, in the Zona da Mata region of the south of Pernambuco state, but has lived in Recife for 13 years. Their transdisciplinary practice develops from research that is the result of the incessant repetition of abstract forms that pass through the landscapes of their memory and surreal universes. The works are developed with latex, iron, ceramics and other residual materials. They recently took part in the artistic residency programmes Oficina Solar (RJ) and Poró: Dinâmica de Vazão do Corpo (PE). They currently have a solo exhibition titled À medida que as estrelas colapsam at Torre Malakoff (PE), and are participating in the group show Fibra Viva at Sesc Garanhuns.

Os trabalhos apresentados fazem parte de uma investigação que olha para o céu para pensar na formação de matérias da terra. A produção parte da história de Sinda, corpo celeste personagem de um conto-poema escrito pelo meu pai, Franklin. Na história, a estrela habitava o céu mas sonhava em viver dentro do mar, brilhando com grande intensidade na esperança de que pudesse sentir através de sua luz as águas dos oceanos. Narrando por meio da criação e instalação de esculturas, bem como pela recriação desse universo através da pintura, investigo e conto uma história sobre como a queda de fragmentos de uma estrela na Terra e suas diferentes reações físico-químicas deram origem aos elementos presentes em todas as matérias terrestres. Os trabalhos desenvolvidos durante essa pesquisa evocam a possibilidade de novos começos, o poder do desejo e a elaboração do sonho como verdade.

The works presented here are part of an investigation that looks to the sky to think about the formation of earthly materials. Their making starts with the story of Sinda, a celestial body who is a character in a poem-short story written by my father, Franklin. In the story, a star lived in the sky, but longed to live under the sea, shining intensely in the hope that it could feel the ocean waters through its light. I research and tell a story – narrating through the creation and installation of sculptures, as well as the recreation of this universe through painting –, about how the fallen fragments from the star to the Earth and its different physical-chemical reactions gave life to the elements present in all earthly matter. The works developed during this research evoke the possibility of new beginnings, the power of desire and the elaboration of dreams as truth.

ANTI

As máscaras de alumínio começaram em 2020 na pandemia, manipulando latas de cerveja encontradas na terra natal, enquanto questionava o que chega ou não até o interior do Estado dentro desse sistema. Em 2023, após retornar ao Rio e se instalar no alojamento universitário da UFRJ na Ilha do Fundão, a artista passa a trabalhar com roupas doadas e descartadas de alojados que vêm de todo o país e do mundo. Usando retalhos das peças que passou a personalizar, essas máscaras recebem novas camadas e um acabamento de costura, com um dinamismo mais popular. A instalação *É carnaval* parte dessas especificidades em torno da multiplicidade da vida e seus deslocamentos nesse território.

ANTI first developed these aluminum masks during the pandemic in 2020, by manipulating beer cans found in their hometown, while they questioned what reaches (or doesn't) the deep interior of the state in this system. In 2023, after returning to Rio and moving into UFRJ student housing at Ilha do Fundão, they started to work with clothes that were donated and discarded by other student residents, who come from all corners of the country and the world. Using rags of the pieces of clothing to create personalized items, the artist applies new layers and a stitched finish to the masks, with a more popular dynamism. The installation It's Carnival is based on these specificities surrounding the multiplicity of life and its displacements in this territory.

É Carnaval [It's Carnival], 2025 / Instalação com 12 máscaras [Installation with 12 masks] / alumínio, tecidos, crochê, bordado, elásticos e fio PVC tipo espaguete [aluminum, fabric, crochet, embroidery, elastics and PVC 'spaghetti-style' thread] / 230 x 40 cm

ANTI (Mar Pereira, Conceição de Macabu, 1999). Artista não-binária, atualmente cursa Pintura na EBA/UFRJ; também tatua, faz música e moda alternativa. Experimenta uma multiplicidade em campo expandido com uma simbiose de mídias, técnicas, materiais e memórias. Revira, apropria, recicla, desdobrando intersecções entre meios ambientais, sociais e psíquicos. Com uma trajetória de deslocamentos, pensa seu organismo enquanto território afetado mas também atuante. Todo contato é um contágio.

ANTI (Mar Pereira, Conceição de Macabu, 1999) is a non-binary artist who currently studies painting at EBA/UFRJ, in addition to being a tattoo artist, musician and alternative fashion designer. They experiment with multiplicity in an expanded field with a symbiosis of media, techniques, materials and memories. They flip around, appropriate and recycle, unfolding intersections between environmental, social and psychic fields. With a trajectory of displacements, ANTi considers their organism as an affected, but also active territory. Every contact is a contagion.



Asmahen Jaloul



Memórias de casa I e Memórias de casa II [Home Memories I and Home Memories II], 2024 / Óleo sobre tela [Oil on canvas] / 60 x 120 x 3 cm díptico [diptych] / 60 x 60 x 3 cm cada [each]

Pintar a cena do díptico *Memórias da Casa* é executar um íntimo movimento de abertura de um diário. A pintura transmite uma história real de um ciclo familiar que se inscreve no tempo - entre o que se perdeu e o que se preservou. A obra que permeia o panorâmico e as diferentes proporções das figuras representadas, fala sobre lembranças, as que sobrevivem ou não, e seus fragmentos que persistiram entre movimentos e fronteiras, tentando recuperar narrativas esquecidas de uma família em diáspora.

Painting the scene of the diptych Home Memories is like the intimate gesture of opening a diary. The painting transmits the true story of a family cycle that inscribes itself in time – between what has been lost and what’s been preserved. The work permeates the panoramic and the different proportions of the represented figures, to speak about memories, those that survive or not, and their fragments persisting between movements and borders, trying to bring back the forgotten narratives of a family in diaspora.

Asmahen Jaloul (Rio de Janeiro, 2004). Artista libanesa-brasileira e filha de imigrantes. Seu trabalho busca, além de uma conexão emocional com seus antepassados, trazer reflexões e contemplações de um passado e de um olhar sensível para o presente. Compreendendo a relação entre memória, registro fotográfico e a transmissão de narrativas que tendem ao desaparecimento, as pinturas que vêm se desenvolvendo tem como objetivo semear um terreno onde as histórias de sua família permanecem para sempre, mesmo diante do processo histórico de marginalização e violência contra a cultura dos povos árabes pelo Ocidente.

Asmahen Jaloul (Rio de Janeiro, 2004) is a Lebanese-Brazilian artist and daughter of immigrants. In addition to creating an emotional connection with her ancestors, her work seeks to introduce reflections and contemplations on the past with a sensitive eye to the present. Through an understanding of the relationship between memory, photographic record and the transmission of narratives that tend to disappear, the paintings she has been developing aim to plant seeds on the terrain where her family’s history remains forever, even in the face of the historical process of marginalization and violence against Arab people perpetrated by the West.

Badu



Luz da eterna noite [Light of the Eternal Night],
2024 / Miçangas e canutilhos sobre tecido,
strass sobre madeira e lâmpadas [Beads and
straw beads on fabric, rhinestones on wood and
lamps] / 51 x 51 x 15 cm cada [each]

Luz da eterna noite versa sobre as investigações que o artista vem realizando nos últimos anos envolvendo as materialidades do Carnaval e suas aproximações com outras festividades brasileiras que formam o seu imaginário. A proposta deste trabalho é lançar um olhar para o sagrado festivo com os santos das noites eternas de junho, em bordados de miçangas e canutilhos que remetem aos bordados típicos do bumba-meu-boi.

Light of the Eternal Night is about the research that the artist has been carrying out in the last years on the materialities of Carnival and its relations with other Brazilian festivities that make up its imagination. The proposal of this work is to look at the sacred festivities of the saints during the eternal nights of June, through the sewing of beads and straw beads that suggests the typical embroidery of the Bumba-meu-boi tradition.

Badu (João Pessoa, 2000). Vive em Goiânia desde a infância. Graduado em Artes Visuais pela Faculdade de Artes Visuais (FAV/UFG), atualmente realiza o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual com o projeto de pesquisa *Onde está você, Carnaval? Materialidades de um corpo-folião*. Em sua prática artística atua na investigação sobre as brasilidades e os festejos populares do Brasil. Nessa perspectiva, sua produção dialoga principalmente com as práticas artísticas carnavalescas em que questões como memória e autobiografia se expressam. Sua produção se manifesta por meio da fotografia, bordado, videoperformance, desenho, objetos, dentre outras possibilidades de badulescalização.

Badu (João Pessoa, 2000) has lived in Goiânia since he was a child. He has a degree in visual arts from the Faculdade de Artes Visuais (FAV/UFG) and is currently obtaining a master's degree from the Art and Visual Culture post-graduate programme, with a research project called Where Are You, Carnival? Materialities of a Partying Body. His artistic practice investigates Brazilianness and popular celebrations in Brazil. From this perspective, his output is primarily related to carnivalesque artistic practices, in which issues such as memory and autobiography are expressed. His work takes the form of photography, embroidery, video-performance, drawing and objects, among other possibilities of 'Badulization'.

Blecaute

Em *Preta Tia Simoa Livre Para Caralho*, homenageio uma figura muito importante para a cultura e luta abolicionista no Ceará, mas que infelizmente teve suas feições, sua trajetória e suas histórias apagadas em nome da história oficial da primeira província a abolir a escravização em território nacional. Preta Tia Simoa, embora tenha sido uma das principais personagens na luta abolicionista na greve de Jangadeiros na terra da luz, frequentemente é esquecida frente à imagem de outras figuras como a de Chico da Matilde, conhecido como Dragão do Mar.

In Preta Tia Simoa Free For Fuck's Sake, the artist pays homage to a very important character of abolitionist culture and struggle in Ceará, whose features, trajectory and stories were unfortunately erased in the name of the official history of the first province to abolish slavery on Brazilian territory. Even though Preta Tia Simoa was one of the principal figures of the abolitionist fight during the Jangada sailors strike in Ceará, she is frequently brushed aside in favour of other figures, such as Chico da Matilde, known as Dragão do Mar (Sea Dragon).

Blecaute, 24 anos, nascido e criado no conjunto Riacho Doce, no Passaré, periferia de Fortaleza. Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará, concretiza seus estudos e subjetividades enquanto negro e periférico através das artes visuais. Autodidata, busca tornar a arte possível para corpos marginalizados e criar novos imaginários de felicidade e abundância a partir da ancestralidade. Atualmente faz parte da exposição coletiva *Funk: um grito de ousadia e liberdade*, no Museu de Arte do Rio (RJ).

Blecaute is 24 years old and was born and raised in the Riacho Doce neighbourhood in Passaré, on the outskirts of Fortaleza. With a degree in philosophy from the Universidade Estadual do Ceará, he gives concrete shape to his studies and subjectivities as a black peripheral subject through the visual arts. He is self-taught and seeks to make art possible for marginalized bodies and create new imaginaries for happiness and abundance based on ancestry. He is currently showing work in the group exhibition Funk: um grito de ousadia e liberdade at the Museu de Arte do Rio (MAR, RJ).



Preta Tia Simoa Livre Para Caralho [Preta Tia Simoa Free For Fuck's Sake], 2024 / Tinta acrílica, bijuteria e papel alumínio sobre tela [Acrylic paint, jewelry and aluminum foil on canvas] / 119 x 79 x 3 cm

Bruno de Souza

Esta pintura aborda aspectos entre o corpo e a paisagem, em uma relação simbólico-afetiva de mútua reconstrução. Ao trazer a figuração de um homem negro carregando em suas mãos: casas, elementos e processos construtivos, a obra busca evidenciar quais mãos e quais corpos construíram e seguem construindo nossas cidades. O título faz menção à necessidade de revisão histórica em relação à diáspora afro-brasileira.

This painting addresses what is located between the body and the landscape, in a symbolic-affective relationship of mutual reconstruction. By introducing the depiction of a black man who is carrying houses, elements and constructive processes in his hands, the work seeks to foreground which hands and which bodies have built and continue to build our cities. The title is a reference to the need for historical revision regarding the Afro-Brazilian diaspora.

Bruno de Souza (São João del Rei, 2001). Artista graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de São João del Rei, participou de exposições coletivas e individuais nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. A partir de diferentes suportes de criação, trabalha com questões da ancestralidade afro-brasileira, articulando pesquisas sobre corpo, memória e território.

Bruno de Souza (São João del Rei, 2001) is an artist with a degree in architecture and urbanism from the Universidade Federal de São João del Rei. He has taken part in solo and group exhibitions in the states of Minas Gerais, Rio de Janeiro and São Paulo. With different creative media, he addresses issues of Afro-Brazilian ancestry, articulating his research about the body, memory and territory.



Reconstrução [Reconstruction], 2024 / Acrílica sobre tela [Acrylic on canvas] / 232 x 174 cm

Carolina Marostica



Ovos [Eggs], 2024 / Técnica mista (vidro soprado, meia de poliamida, fibra siliconada, cabelo sintético, espuma de poliuretano e arame)
[Mixed media (blown glass, polyamide sock, siliconized fibre, synthetic hair, polyurethane foam and wire)] / 120 x 60 x 55 cm

A obra se constitui de três peças expostas sobre uma superfície. Cada peça combina um elemento de vidro que aloja volumes têxteis, compostos por poliamida preenchida por fibra siliconada. Os objetos de vidro soprado atuam como repositórios para outros materiais, explorando a transparência e a forma da matéria vítrea. Como o ovo de um animal, as peças refletem a tensão entre a cristalização de um corpo e a iminência de sua eclosão, conjugando maciez e rigidez, mobilidade e imobilidade, opacidade e transparência, organicidade e artificialidade.

This work consists of three pieces that are displayed on a surface. Each piece has a glass element that holds textile volumes made of polyamide filled with siliconized fibre. The blown glass objects act as repositories for other materials, exploring the transparency and shape of the glassy matter. Like the egg of an animal, the pieces reflect the tension between the crystallization of a body and the imminence of its hatching, combining softness and rigidity, mobility and immobility, opaqueness and transparency, organicity and artificiality.

Carolina Marostica é artista visual com Doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Mestrado pela Universidade de Lisboa, Portugal. Realizou diversas mostras individuais e coletivas no Brasil, em Portugal e no Uruguai, além de Salões. Participou das residências artísticas do Red Bull Station (2017) e do Programa Pivô Pesquisa (2019). Em 2018, foi finalista do 2o Prêmio Aliança Francesa de Arte Contemporânea de Porto Alegre. Em 2019, foi premiada na Mostra de Arte da Juventude do SESC Ribeirão Preto.

Carolina Marostica is an artist with a doctorate degree from the Universidade Federal do Rio Grande do Sul and a master's degree from Universidade de Lisboa, Portugal. She has participated in several solo and group exhibitions in Brazil, Portugal and Uruguay, as well as in Salons. She's taken part in artistic residencies such as Red Bull Station (2017) and Programa Pivô Pesquisa (2019). In 2018, she was shortlisted for the 2nd Aliança Francesa Contemporary Art Award in Porto Alegre. In 2019, she won a prize in the context of the Youth Art Exhibition at SESC Ribeirão Preto.

Cecilia Avati



Entramos por voluntad, no sabemos que nos espera. Estamos juntos en esta aventura, adentrándonos en la oscuridad del por-venir [We entered of our own free will, we didn't know what was waiting for us. We are together in this adventure, entering the obscurity of what is yet to come], 2024 / Acrílica sobre tela [Acrylic on canvas] / 30 x 30 x 2,5 cm

E se o sulco do rio fosse formado por mais de uma serpente? A pintura é circular, sem começo nem fim, come o próprio rabo. Os personagens entram por vontade própria no mistério da vida. *Bacteria*, *Reflejo del Sol* e *Alegre Sonido* são três bravos companheiros que juntos decidem enfrentar o futuro sombrio.

And what if the riverbed was formed by more than one serpent? The painting is circular, without beginning or end, it eats its own tail. The characters enter the mystery of life of their own free will. Bacteria, Reflection of the Sun and Happy Sound are three brave companions who together decide to face the gloomy future.

Cecilia Avati (Paraguay, 1995). Pintora, gravadora, performer. Seu trabalho circula em torno de fronteiras, suas ficcionalidades e as rupturas de sua aparente solidez. As pinturas e gravuras da artista surgem de situações de transição entre o sono e a vigília, criando cenários distópicos onde um novo mundo se abre revelando um bestiário cadavérico. Estudou Artes Visuais na Universidade Nacional de Assunção. É residente do espaço *Crudo*, lugar de resistência, no qual as pessoas e os grupos emergem nas correntes alternativas, desenvolvendo projetos investigativos.

Cecilia Avati (Paraguay, 1995) is a painter, printmaker and performer. Her work revolves around borders, their fictionalities and the ruptures of their apparent solidity. Her paintings and prints suggest situations that transition between sleep and wakefulness, creating dystopian scenarios where a new world opens up to reveal a cadaverous bestiary. She studied visual arts at the Universidad Nacional de Asunción. She is a resident at Crudo, a place of resistance where people and groups emerge in alternative currents, developing research projects.

Dandara Catete



A série de esculturas em pequeno formato deriva da série *Amorfo*, onde colchões assumem o comportamento de corpos que interagem e se fundem. Aqui, outro objeto doméstico ganha vida e suas interações aparecem como um estudo sobre movimento. Sua corporalidade as transforma em miniaturas, desdobrando a imaginação por conter, em sua pequenez, infinitas possibilidades que interrompem a banalidade do cotidiano.

This series of small-format sculptures derives from the Amorphous series, in which mattresses assume the behaviour of bodies that interact and fuse into one another. Here, another domestic object comes to life and its interactions appear as a study of movement. Their corporality transforms them into miniatures, unfolding the imagination by containing, in their smallness, infinite possibilities that interrupt the banality of everyday life.

Dandara Catete (Rio de Janeiro, 1992) vive e trabalha em Madrid, Espanha. Utiliza elementos domésticos e outros objetos relacionados à intimidade e à vida cotidiana, explorando as possibilidades poéticas e políticas do dia a dia. Trabalha com o direito à moradia, arquitetura afetiva e questões de gênero por meio de instalações e esculturas, assim como pintura, audiovisual, oficinas educativas e produção cultural.

Dandara Catete (Rio de Janeiro, 1992) lives and works in Madrid, Spain. She employs domestic elements and other objects related to intimacy and everyday life to explore the poetic and political possibilities of daily life. She works with housing rights, affective architecture and gender issues through installations and sculptures, as well as painting, the audiovisual, educational workshops and cultural production.

Helena Rodrigues



Bar do Ovo apresenta uma interpretação visual de uma cena cotidiana em um bar, evocando o espírito comunitário, “rueiro”, dos espaços compartilhados. A obra captura a magia das ruas e das trocas de olhares, investigando a expressividade por meio das cores e suas interações. Fragmentos de memória são tingidos por cores predominantes: azul, vermelho e amarelo, que remetem a símbolos de objetos como engradados, mesas de bar e panos de santos. A transparência do vidro nos copos e garrafas também sugere uma conexão com o divino e seus reflexos etéreos. A pintura transforma-se em uma janela para um universo pessoal, onde lembranças e sensações do ambiente urbano se manifestam de maneira subjetiva e expressiva.

Bar do Ovo (Egg Bar) presents a visual interpretation of an everyday scene at a bar, evoking the communitary, ‘street’ spirit of shared spaces. The work captures the magic of the streets and the exchange of glances, investigating expressiveness through colours and their interactions. Fragments of memory are tinged by predominant hues of blue, red and yellow, which suggest symbols of objects such as bottle crates, bar tables and the cloaks of saints. The transparency of the glass of cups and bottles also suggests a connection to the divine and its ethereal reflections. Painting turns into a window to a personal universe, where memories and sensations of the urban environment are manifested in an expressive and subjective way.

Helena Rodrigues (São Paulo, 1999). Vive no Rio de Janeiro desde 2001. Formada em Pintura pela UFRJ, realizou a mostra individual *Simpatias Cotidianas*, no Centro de Arte Hélio Oiticica e participou de exposições coletivas na UFF, UFES e no Centro Calouste Gulbenkian. Como referência aos subúrbios cariocas onde cresceu, sua pintura retrata cenas populares como altares, simpatias e oferendas em meio a festa e a boemia, compondo uma estética sincrética da cidade. Em sua poética, sons, cores e transparências se fundem, criando vibrações que atravessam o corpo e o espaço, como a rua e os seus encantamentos.

Helena Rodrigues (São Paulo, 1999) has lived in Rio de Janeiro since 2001. She has a degree in painting from UFRJ, presented a solo exhibition titled Simpatias Cotidianas at Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica and took part in group exhibitions at UFF, UFES and Centro Calouste Gulbenkian. In reference to the suburbs of Rio where she grew up, her paintings portray popular scenes such as altars, magic charms and offerings amidst parties and bohemia, composing a syncretic aesthetics of the city. Her poetics fuses sounds, colours and transparencies, creating vibrations that traverse body and space, like the street and its enchantments.

João Machado

Arquitetura Bioacústica é uma videoinstalação que investiga a complexidade sonora das abelhas nativas do Brasil, fruto de uma pesquisa de mais de 10 anos. A obra integra um vídeo de 10 minutos em *loop*, composto por registros visuais e acústicos captados no ateliê/meliponário do artista em Bocaina de Minas, MG. O sistema de som interage com esculturas de cerâmica, funcionando como ressonadores que amplificam as paisagens sonoras captadas, criando um diálogo entre o artesanal e o orgânico. Ao mesmo tempo científica e poética, a instalação convida o espectador a um espaço sensorial que explora as dinâmicas de coexistência entre espécies.

Bioacoustic Architecture is a video-installation that investigates the sonic complexity of native bees in Brazil and is the fruit of more than 10 years of the artist's research. The work is a 10-minute looped video composed of visual and acoustic recordings collected at the artist's studio/meliponary (bee farm) in Bocaina de Minas in Minas Gerais state. The sound equipment interacts with ceramic sculptures that function as resonators that amplify the collected soundscapes, creating a dialogue between the artisanal and the organic. Both scientific and poetic, the installation invites the viewer into a sensorial space that explores the dynamics of the coexistence of species.

Arquitetura Bioacústica [Bioacoustic Architecture], 2024 / Cerâmicas e videoinstalação [Ceramics and video installation] / 180 x 180 x 150 cm

João Machado (Rio de Janeiro, 1977) é artista visual, cineasta, meliponicultor e ambientalista. Bacharel em Cinema pela Art Center College em Los Angeles. Co-fundador da Mandaçaia Projetos, espaço independente situado em Bocaina de Minas. Desde 2015 sua pesquisa se direciona para o ativismo na preservação das abelhas nativas desenvolvendo trabalhos em vídeos, colagens, esculturas em cerâmica e arte-ação.

João Machado (Rio de Janeiro, 1977) is an artist, filmmaker, beekeeper and environmentalist. He has a bachelor's degree in Cinema from Art Center College in Los Angeles. He is co-founder of Mandaçaia Projetos, an independent space in Bocaina de Minas. Since 2015, his research has focused on activism for the preservation of native bees, which has led him to develop films, collages, ceramic sculptures and action-art.



Ju Moraes

Ninho 1 explora a interseção entre a intimidade doméstica e a expressão artística ao ser confeccionado a partir de panos de crochê antigos de diversas origens. Além de transcender sua função decorativa convencional, a obra se torna uma narrativa de memórias e afetos entrelaçados. O suporte de vergalhão, inicialmente destinado a plantas, é abraçado pela trama, simbolizando o envolvimento da costura como alicerce da casa. Na obra, a presença dos ovos ressoa a essência da vida e sua eterna criação, alinhando-se à escolha do nome do trabalho, que sugere uma conexão intrínseca com o conceito de lar, adicionando uma camada significativa à obra ao evocar a ideia de um ninho como um espaço de origem e proteção.

Nest 1 explores the intersection between domestic intimacy and artistic expression through the materials it is made of: old crocheted cloths of diverse origins. In addition to transcending its conventional decorative function, the work becomes a narrative of interwoven memories and affections. The rebar support, initially meant for plants, is embraced by the weave, symbolizing the involvement of sewing as a foundation of the home. In the work, the presence of eggs resonates with the essence of life and its eternal creation, aligning itself with the choice for the work's title, which suggests an intrinsic connection to the concept of home and adds a meaningful layer to the work by evoking the idea of a nest as a space of origin and protection.

Ju Moraes (Rio de Janeiro, 1986). Vive e trabalha na cidade de Maricá. Artista visual e costureira. Estudou Indumentário na UFRJ, é Bacharel em Design de Moda pelo Senai Cetiqt e Mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós Graduação da EBA UFRJ, onde atualmente é doutoranda. Participou de exposições coletivas como *Corpos e Territórios*, no Museu da República, *Metodologias Artísticas* no Centro Cultural Municipal Hélio Oiticica e IX Bienal da EBA (Rio de Janeiro), além de ter participado de residências artísticas da FAAP (SP) e *Deformação*, no Parque Lage (RJ).

Ju Moraes (Rio de Janeiro, 1986) is an artist and seamstress who lives and works in Maricá. She studied costume design at the Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, has a degree in fashion design from Senai Cetiqt and a Master's degree in visual arts from EBA – UFRJ, where she is currently obtaining her PhD. She has participated in group exhibitions, such as Corpos e Territórios at Museu da República; Metodologias Artísticas at Centro Cultural Municipal Hélio Oiticica; and in the IX Bienal da EBA (all in Rio de Janeiro), and has also taken part in the artistic residency programmes of FAAP (SP), and Deformação at the Parque Lage School of Visual Arts (RJ).



Ninho 1 [Nest 1], 2024 / Crochê de linha de algodão, suporte de vergalhão e panos de crochê antigos [Cotton thread crochet, rebar support and old crochet cloths] / 120 x 20 x 20 cm

Lucas Ururahy



Quero Acordar Querendo Sorrir: Verso 3 [I Want to Wake Up Wanting to Smile: Verse 3], 2024 / Acrílica, gravura, colagem e pastel oleoso [Mixed media] / 80 x 100 cm

Quero Acordar Querendo Sorrir: Verso 3 é uma pintura que integra a série de versos visuais baseada no poema homônimo de Lucas Ururahy. Utilizando técnica mista, cria uma linguagem pictórica que combina ritmo e som através da imagem. A obra é inspirada pela vivência periférica do artista em Sepetiba, um território que mistura favela, zona rural, Mata Atlântica e mangue, retratando a diversidade e as violências sociais que atravessam o local. A peça carrega fragmentos da vida caiçara: a maresia, as redes de pesca, os fragmentos de barcos e os tons da lama dos manguezais. Esses elementos conectam o espectador à riqueza sensorial do território e aos saberes ancestrais das comunidades que resistem frente à devastação ambiental causada por rejeitos industriais.

I Want to Wake Up Wanting to Smile: Verse 3 is a painting that is part of a series of visual verses based on a poem with the same name written by the artist. He makes use of mixed media to create a pictorial language that combines rhythm, sound and image. The work is inspired by his experience of life in the periphery in Sepetiba, a territory that mixes favelas, rural areas, Atlantic Forest and wetlands, and portrays the diversity and social violence inherent to the place. The work also carries fragments of caiçara (coastal) life: the river breeze, fishnets, fragments of boats and the hues of the mangrove mud. These elements connect the spectator to the sensorial richness of the territory and to the ancestral knowledge of the communities who are resisting environmental devastation caused by industrial waste.

Lucas Ururahy (1988) é um multiartista nascido e criado em Sepetiba, Rio de Janeiro. Neto de fabricante de barcos, iniciou sua trajetória como pichador e desenvolveu uma pesquisa artística que integra memória coletiva, questões sociais e ambientais. Usa diversas linguagens como pintura, escultura, vídeo, performance e música, para explorar a oralidade e ressignificar espaços. Fundador da residência *Mariscarte*, Ururahy é também pesquisador, ativista social e ambiental.

Lucas Ururahy (1988) is a multi-artist born and raised in Sepetiba, Rio de Janeiro. The grandson of a boat maker, he started his career in graffiti and developed his artistic research integrating collective memory and social and environmental issues. He uses various media, such as painting, sculpture, video, performance and music, to explore orality and resignify spaces. He is the founder of the Mariscarte residency, as well as a researcher and environmental and social activist.

Lui Trindade

Besta I contribui com a introdução do projeto *Bestiário* que compreende o corpo enquanto ator e plataforma de experiências e dinâmicas receptoras, criadoras e transgressoras, quando exibida em espaço expositivo. Composto por mãos de látex sobre uma estrutura de poliuretano, a obra propõe a reinvenção da própria visão e agência enquanto indivíduo e corpo, imagem e presença, ao explorar o não familiar como forma possível de se reinventar e de se apresentar ao mundo.

Beast I functions as an introduction to the Bestiary project, which understands the body as an actor and platform for experiences and dynamics that are receptive, creative and transgressive when shown in an exhibition space. The work is composed of latex hands over a polyurethane structure, and proposes the reinvention of one's own vision and agency as an individual and body, image and presence, by exploring the non-familiar as a possible way of reinventing and presenting oneself to the world.



Lui Trindade (Rio de Janeiro, 1998). Artista e pesquisador, possui titulação em Artes Visuais (FAAP), com formação complementar em cursos no Parque Lage e na residência na Casa da Escada Colorida (RJ). Entre a prática experimental na escultura e na pintura e a pesquisa teórica multidisciplinar, investiga as possibilidades de reinvenção de um corpo através dos sentidos. O não familiar, enquanto acesso a esse corpo, constrói uma poética sinestésica que sugere constante transmutação.

Lui Trindade (Rio de Janeiro, 1998) is an artist and researcher with a visual arts degree from FAAP and additional educational experience from courses at the Parque Lage School of Visual Arts and a residency at Casa da Escada Colorida (RJ). Through an experimental practice in sculpture and painting and multidisciplinary theoretical research, the artist investigates the possibilities for reinvention of a body through the senses. The unfamiliar as an access to this body creates a synesthetic poetics that suggests constant transmutation.

Ma Konder

Assim como alguns personagens de Darcy Ribeiro são entidades divinas que habitam formas e corpos humanos para experienciar a vida na Terra, meus personagens são, de certa forma, veículos para que certos espíritos experienciem a arte. Ao criá-los, busco dar forma às almas que me cercam, me protegem e me guiam e espero que essas figuras soprem arte para quem as encontra.

Just as some of Darcy Ribeiro's characters are divine entities that inhabit human forms and bodies to be able to experience life on Earth, in some way my characters are vehicles for certain spirits to experience art. By creating them, I aim to give shape to the souls that surround me, protect me and guide me, and I hope these characters whisper art to those who meet them.

Ma Konder (Rio de Janeiro, 1982). Vive e trabalha em Londres, Reino Unido. Sua prática multidisciplinar incorpora desenho, costura, pintura, escultura, performance e vídeo. O trabalho baseia-se em áreas de pesquisa como mitologia, tarô, ocultismo e pedagogia para criar ligações entre o visual e o invisível e a intersecção entre práticas artesanais e sociais.

Ma Konder (Rio de Janeiro, 1982) lives and works in London, UK. Her multi-disciplinary practice incorporates drawing, sewing, painting, sculpture, performance and video. Her work draws on research fields such as mythology, tarot, occultism and pedagogy to create links between the visible and the invisible, and the intersection of artisanal and social practices.



Maíra e Cão [Maíra and the Dog], 2023 /
Algodão e lã de madeira [Cotton and wood wool]
W/ 180 x 140 x 40 cm

Matheus de Simone

Ao caminhar pelas ruas de Salvador, é comum encontrar colados nos postes de luz diversos cartazes que promovem variados serviços, desde empréstimos a trabalhos espirituais. Com o tempo, esses anúncios se deterioram, dando espaço para outros e revelam novas camadas de significados que refletem nossas urgências e desejos.

Postes (Street lights) é uma série feita a partir das fotografias que o artista realiza desses cartazes. Ao bordar cada peça à mão durante um tempo longo e lento, Matheus de Simone busca cristalizar o instante dessa imagem, que, feito um fóssil, tal como encontrada na rua, possivelmente já não existe mais.

While walking the streets of Salvador, it is common to find several posters pasted to lampposts that promote various services, from loans to spiritual work. In time, these posters deteriorate, give space to others and reveal new layers of meaning that reflect our urges and desires.

Poles (Street Lights) is a series created from photos the artist took of these posters. By slowly embroidering each piece by hand over time, Matheus de Simone sets out to crystallize the instant of the image, which, like a fossil, can't possibly exist anymore in the way that it was first encountered on the streets.

Matheus de Simone (1994) é artista visual, pesquisador e designer. Vive e trabalha em Salvador, onde é Doutorando em Artes Visuais pela UFBA. Seu trabalho explora relações entre espiritualidade, jogo, violência e sexualidade, utilizando bordado, fotografia, vídeo, escultura e instalações. Atualmente se dedica aos *Grifos*, pesquisa que compreende as cidades como publicações, as viagens e os deslocamentos como procedimentos de leitura e escrita, e seu corpo como um marca-texto.

Matheus de Simone (1994) is an artist, researcher and designer who lives and works in Salvador, where he is obtaining his PhD degree in visual arts from the Universidade Federal da Bahia – UFBA. His work explores relationships between spirituality, play, violence and sexuality, using embroidery, photography, video, sculpture and installations. He is currently dedicated to Highlights, a research project that looks at cities as publications; trips and movements as procedures for reading and writing; and his body as a highlighter pen.



Postes #2 [Poles #2], 2024 / Bordado em linha sobre algodão [Thread embroidery on cotton] / 22 x 16 cm

Mayra Sérgio

O madeirite rosa é amplamente utilizado em canteiros de obras e estruturas temporárias. A série *Febre* utiliza esse material como base para explorar o delírio do sonho de progresso inerente ao modernismo arquitetônico brasileiro. A cor vibrante do material contrasta com sua estrutura precária, sugerindo tanto a sedução quanto a fragilidade desses ideais de progresso. Dentro de uma estética de sonho febril, a série entrelaça representações da flora local da Mata Atlântica com as linhas arrojadas de edifícios modernistas, destacando o caráter atraente, porém instável, do modernismo brasileiro.

Pink plywood is widely used in construction sites and temporary structures. The Fever series uses this material as a basis for exploring the folly of the dream of progress inherent to Brazilian architectural modernism. The material's vibrant colour contrasts with the precariousness of its structure, suggesting both the seduction and the fragility of these ideals of progress. Within an aesthetics of feverish dreams, the series interweaves representations of local flora from the Atlantic Forest with the sophisticated lines of modernist buildings, to highlight the attractive but unstable character of Brazilian modernism.

Mayra Sérgio nasceu no Rio de Janeiro e atualmente mora em Amsterdã. Estudou Cinema e trabalhou como Cenógrafa no Rio de Janeiro até se mudar para a Holanda, em 2013, para estudar na Rietveld Academie. Através de uma prática multimídia, a artista explora como a sensorialidade de um lugar e a sua política moldam quem somos e como, em troca, habitamos o espaço. Seu trabalho foi exibido em Londres, Milão e Amsterdã, e publicado na *Frame Magazine* e no *New York Times*, entre outras publicações.

Mayra Sérgio was born in Rio de Janeiro and currently lives in Amsterdam. She studied cinema and worked as a set designer in Rio before she moved to the Netherlands in 2013 to study at the Rietveld Academie. Through her multimedia practice, the artist explores how the sensoriality of a place and its politics shape who we are and how, in exchange, we inhabit the space. Her work has been exhibited in London, Milan and Amsterdam, and has been published in Frame Magazine and in the New York Times, among other publications.



Febre I [Fever I], 2024 / Acrílica sobre madeirite rosa [Acrylic on pink plywood] / 110 X 110 cm

Mônica Barbosa

O Broto é a Fonte reflete a ideia de que, mesmo em tempos difíceis, a vida encontra um caminho, brotando de uma fonte pura e renovadora. Cada broto, uma nova esperança, lembra que somos também agentes da vida, capazes de transformar e dar continuidade à existência, mesmo quando o mundo ao redor parece árido. A obra celebra o poder da renovação e da persistência, mesmo nas adversidades.

The Bud is the Source reflects the idea that, even in hard times, life finds a way, sprouting from a pure and renewing source. Each bud is a new hope and reminds us that we are also agents of life, capable of transforming and continuing existence, even when the world around us seems barren. The work celebrates the power of renovation and persistence, even in adversity.

Mônica Barbosa, artista visual nascida no Maranhão com raízes familiares no Piauí, entrelaça em suas obras memórias de sua terra natal com vivências pessoais, criando uma narrativa visual rica em significados. Suas pinturas evocam as paisagens rurais e o cotidiano das pequenas cidades, refletindo uma profunda conexão com as texturas da vegetação, elementos da vida campestre e interiores domésticos. Atualmente, Mônica explora a arte pré-histórica, investigando pinturas rupestres como fonte de inspiração para sua prática contemporânea.

Mônica Barbosa is an artist born in Maranhão state with family roots in Piauí state. In her works she interweaves the memories of her homeland with personal experiences, creating a visual narrative rich in meanings. Her paintings evoke the rural landscapes and daily life of small towns, reflecting a deep connection to the textures of vegetation, aspects of country life and domestic interiors. Currently, Mônica is exploring prehistoric art, investigating cave paintings as sources of inspiration for her contemporary practice.



O Broto é a Fonte [The Bud is the Source], 2024 / Acrílica e giz pastel sobre tela [Acrylic and chalk pastel on canvas] / 100 x 50 x 4 cm

Naia Ceschin

Todas as existências podem conquistar mais realidade, mais brilho, mais significados, mas isso só é possível se tivermos a capacidade de reconhecê-las. Esse trabalho começou com o encontro desta folha de coqueiro em umas das minhas caminhadas. Uma folha seca caiu e lá ficou... Recolhi e fiquei um tempo com ela no ateliê. Observei seu formato, sua textura e bordei um desenho que se encaixava nesse movimento já existente. O desenho segue a horizontalidade da folha que é quebrado com um pendente de sementes. O bordado mistura lã e barbante reciclado. O título da peça veio da música *Aquarela do Brasil*. Assim como a folha, o verso *Esse coqueiro que dá...* com reticências fez sentido para mim porque pode ser completado de diversas maneiras.

All existences can acquire more reality, more brightness, more meanings, but that is only possible if we have the ability to recognize them. This work started when I found this palm leaf on one of my walks. The dry leaf fell and there it remained... I picked it up and kept it in my studio for a while. I observed its shape and texture, and embroidered a drawing on it that fit in this already existing movement. The drawing follows the horizontality of the leaf, which is broken by a seed pendant. The embroidery combines wool and recycled string. Its title came from the song Aquarela do Brasil. Just like the leaf, the verse ending in ellipsis made sense to me because it can be finished in many different ways.

Naia Ceschin (São Paulo, 1987). Ilustradora e artista visual. Possui pós-graduação em Práticas Artísticas Contemporâneas na FAAP e Bacharel em Comunicação Visual - Design na ESPM. Iniciou seus estudos em cursos de arte no Parque Lage (RJ, 2014) e Tomie Ohtake (SP, 2012). Em São Paulo, participou de exposições coletivas no Espaço Delirium e nas galerias Galpão 556 (2024) e Canteiro (2023). Participou do grupo de acompanhamento artístico orientado por Thiago Honório e Ana Paula Cohen. Atualmente faz orientação com Lais Myrrha. Investiga possíveis interações entre a tapeçaria bordada e a pintura. As diversas texturas formam desenhos que são construídos a partir de referências externas e internas, e de registros de vivências, memórias, sonhos e sensações, misturando os mundos vegetal e celular em paisagens que fogem de uma lógica comum.

Naia Ceschin (São Paulo, 1987). She is an illustrator and artist with a postgraduate degree in Contemporary Artistic Practices from FAAP and a bachelor's degree in visual communication and design from ESPM. She started taking art courses at Instituto Tomie Ohtake in São Paulo 2012 and continued at the Parque Lage School of Visual Arts in Rio in 2014. In São Paulo, she participated in group exhibitions at Espaço Delirium, Galpão 556 (2024) and Canteiro (2023). She took part in the artistic mentoring group of Thiago Onório and Ana Paula Cohen and she is currently supervised by Lais Myrrha. She is researching possible interactions between embroidered tapestry and painting. Different textures form drawings that are created from external and internal references and from the records of experiences, memories, dreams and sensations, mixing the vegetable and cellular worlds in landscapes that evade a common logic.



Esse coqueiro que dá... [This Coconut Tree that Yields...] 2024 / Tapeçaria bordada em lã, barbante reciclado sobre folha seca de coqueiro e contas de madeira [Wool-embroidered tapestry, recycled string on dry palm leaf and wooden beads] / 11 x 116 x 17 cm

Natália Quinderé



Corpo de Baile [*Corps de Ballet*], 2022, de [by] Natália Quinderé, com [with] Alan Athayde, Bebel Barreto, Camila Fersi, Carol Martins, Maria Baigur e [and] Natália Quinderé / Foto [Photo] Rafael Adorján

Um corpo de baile sempre dança junto, atrás dos solistas ou entre suas apresentações. Do rastro deixado por uma publicidade de aulas de dança no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, na década de 1960, propomos um jogo coletivo: *Que corpo é um corpo de baile?* *Corpo de baile, o baile* é uma performance/jogo/dança com 1 hora de duração e faz parte de uma série de trabalhos criados a partir do projeto *Seis gentes dançam no museu* (MAM-Rio, 2021). Uma primeira versão, chamada *Corpo de baile*, foi realizada a convite de Katia Maciel, para *Vozerio* (2022). Repetição, fadiga, permanência e fôlego são temas recorrentes nas pesquisas de Quinderé.

A corps de ballet (ballet company) always dances together, behind the soloists or between their presentations. From the trace left behind by an announcement for a dance class at the Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro in the 1960s, we propose a collective game: which body is a corps de ballet? Corps de Ballet, the Ball is a performance/game/dance of 1 hour, part of a series of works created from the project Six People Dance in the Museum (MAM-Rio, 2021). A first version, called Corps de Ballet, was created at the invitation of Katia Maciel for Vozerio (2022). Repetition, fatigue, permanence and breath are recurrent themes in Quinderé's works.

Natália Quinderé é artista, faz curadorias e escreve sobre arte e seus arredores. Desde 2021, trabalha em uma pesquisa que cruza artes visuais, dança e crítica institucional no interior e fora de instituições museológicas. Essa pesquisa aglomera artistas visuais, bailarines e artistas da música experimental.

Natália Quinderé is an artist and curator who also writes about art and related subjects. Since 2021, she has been working on a research project in which visual art, dance and institutional critique converge, inside and outside of museum institutions. This research brings together artists, dancers and experimental musicians.

Pérola Santos

Mestra Margarida, aos 90 anos, é símbolo da tradição do Reisado no Cariri e uma referência cultural amplamente reconhecida como a Matriarca da Cultura local. Desde os 15 anos, quando fundou seu grupo de brincantes com predominância feminina, destaca-se por sua dedicação à preservação das tradições e à valorização da identidade cultural do povo do Cariri. Admirada por gerações, seu legado permanece como uma fonte de inspiração, mantendo vivas as raízes e a riqueza cultural da região.

Master Margarida, at age 90, is a symbol of the tradition of the Cariri Three Kings Day celebration and a cultural reference, widely recognized as the matriarch of local culture. Since age 15, when she founded her group of predominantly female players, she has stood out for her dedication to the preservation of traditions and the appreciation of the cultural identity of the Cariri people. Admired across generations, her legacy remains a source of inspiration that keeps alive the region's roots and cultural richness.

Mestra Margarida [Master Margarida], 2024 / Tinta Acrílica sobre tela
[Acrylic on canvas] / 150 x 100 x 4 cm

Pérola Santos (São Paulo, 2001). Aos 23 anos, é pintora, muralista e poetisa da cidade de Eldorado, localizada no Vale do Ribeira, interior de São Paulo. Descendente do Quilombo Ivaporunduva, retrata em suas obras, o modo de vida quilombola, tradições culturais de sua comunidade e a importância da valorização de mestres de culturas tradicionais brasileiras. Atualmente residente em Niterói, notou a escassez da valorização dos saberes e manifestações culturais populares dentro de espaços acadêmicos ou elitizados, levando a criar uma série de obras que exaltam alguns mestres de nossas culturas.

Pérola Santos (São Paulo, 2001) is 23 years old, a painter, muralist and poet from the city of Eldorado, located in the Ribeira Valley of São Paulo state. She is a descendent of the Ivaporunduva Quilombo and in her works she depicts the quilombola way of life, the community's cultural traditions and the importance of acknowledging the masters of Brazilian traditional cultures. She currently lives in Niterói, in Rio de Janeiro state, and has noticed the lack of importance given to popular cultural knowledge and expressions in academic and elite spaces. This made her create a series of works that praises some of these masters of our cultures



R. Trompaz



SSGE, 2023 / Tinta acrílica e pigmento em pó com verniz acrílico sobre tecido [Acrylic paint and pigment powder with acrylic varnish on fabric] / 158 x 115 cm

Trompaz emprega a arte como uma forma de manifestação e crítica social, assegurando que as vozes dos grupos marginalizados sejam ouvidas. Isso acontece por meio do projeto Segregação Social Geograficamente Escancarada (SSGE), que aborda questões socioambientais relacionadas à habitação e ao deslocamento nas áreas urbanas

Trompaz employs art as a form of protest and social critique, amplifying the voices of marginalized communities. He does this through the Segregação Social Geograficamente Escancarada (Geographically Shameless Social Segregation, SSGE) project, which addresses socio-environmental issues related to housing and urban mobility.

R. Trompaz (São Paulo, 1988). É artista visual, designer e ilustrador, graduado em design gráfico pela Belas Artes de São Paulo. É um dos artistas participantes da *Trienal de Tijuana* (México, 2025). Em 2024, participou da exposição individual *Jornal do Mundo*, na Galeria Martins&Montero. Em 2023, participou da exposição *Dimensão Cidade*, na Casa das Rosas, entre outras.

*R. Trompaz (São Paulo, 1988) is an artist, designer and illustrator, with a degree in graphic design from the Escola de Belas Artes in São Paulo. He is one of the artists taking part in the Trienal de Tijuana (Mexico, 2025). In 2024, he presented his solo exhibition *Jornal do Mundo* at Martins&Montero Gallery. In 2023, he participated in the exhibition *Dimensão Cidade*, at Casa das Rosas, among others.*

Rainha F.



Conúbio com o mar [Marriage to the Sea], 2023 / Impressão fotográfica sobre papel [Photographic print on paper] / 60,5 x 108 x 3 cm tríptico [Triptych]

Sob o véu da noiva, repousa um silêncio profundo, carregado de significados invisíveis. O tecido leve, que ora protege, ora revela, torna-se uma extensão de sua solidão, um símbolo de introspecção e mistério. Ali, entre o visível e o oculto, ela caminha sozinha envolta pelo som das ondas e pela vastidão do mar. O mar, infinito em sua imensidão, acolhe essa figura solitária, amplificando tanto sua presença quanto sua ausência. Cada ondulação parece refletir a dualidade entre a solidão imposta e a escolhida, entre o desejo de conexão e de recolhimento. O véu que cobre o seu rosto também conecta seu corpo à paisagem, como se ela fosse parte do horizonte que nunca se alcança.

Beneath the bridal veil rests a deep silence, loaded with invisible meanings. The light fabric, at times protective, at times revealing, becomes an extension of her solitude, a symbol of introspection and mystery. There, between the visible and the hidden, she walks alone enveloped by the sound of the waves and the vastness of the ocean. The sea, infinite in its immensity, welcomes this solitary figure, amplifying both her presence and her absence. Each undulation seems to reflect the duality between imposed and chosen loneliness, between the desire to connect and the need to withdraw. The veil covering her face also connects her body to the landscape, as if it was a part of a horizon that can never be reached.

Rainha F. (Rio de Janeiro, 1992). Artista visual, costureira e estudante de Belas Artes na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Investiga os códigos e as simbologias matrimoniais criando uma nova imagem para mecanismos emergentes de sobrevivência em corpos possíveis a partir de sua ótica vivencial. Apresenta base nas questões de solidão de corpos negros e na dinâmica racial em recortes LGBTQ, salientando aspectos de gênero marginalizados, supervisionando as narrativas, suportes e elementos que compõem o pacto matrimonial, leiloado e instituído pela branquitude.

Rainha F. (Rio de Janeiro, 1992) is an artist, seamstress and student of fine arts at the Universidade Federal do Rio de Janeiro. She investigates codes and matrimonial symbolologies, creating a new image for emerging mechanisms of survival for possible bodies, based on her lived experience. Her research is founded on issues of loneliness of black bodies and on the racial dynamics in LGBTQ contexts, highlighting marginalized aspects of gender, supervising the narratives, supports and elements that make up the matrimonial pact, auctioned and instituted by whiteness.

Shay Marias



Narcisa retrata uma mulher negra seminua, segurando uma garrafa que contém em seu interior uma versão menor de si mesma. É uma obra que simboliza a contemplação de uma liberdade aprisionada e o confronto com aspectos internos reprimidos. Este autorretrato é uma reflexão sobre violências sofridas em atos de inferiorização de sua personalidade e cultura. A composição explora a introspecção e a dualidade entre força e vulnerabilidade, representando uma jornada de autoconhecimento diante das adversidades.

Narcisa portrays a half-naked black woman holding a bottle that contains a smaller version of herself. It is a work that symbolizes the contemplation of imprisoned freedom and the confrontation with repressed inner aspects of oneself. This self-portrait is a reflection on the violence suffered through acts that treat her personality and culture as inferior. The composition explores introspection and the duality of strength and vulnerability, representing a journey of self-knowledge in the face of adversity.

Artista visual e professora em São Paulo. Nascida na Baixada Fluminense e graduada em Artes Visuais pela UFRRJ. Sua obra transita entre fotografia, pintura e vídeo, explorando autoconhecimento e conflitos mentais que surgem na convivência social. Com pinturas que mesclam realidade e imaginação, a artista cria espaços reflexivos que sugerem confinamento e libertação, abordando os desafios impostos por mudanças sociais e ambientais. Premiada no *Artbattle 53* e pela *AALIBB* (2021), expôs no *34º Salão Bunkyo* (2024), no *29º Salão de Praia Grande* (SP, 2023), *Galeria Litt* (2024), *Núcleo Contemporâneo* (Madrid, 2024) e *Instituto Tomie Ohtake* (2023).

Shay Marias is a visual artist and teacher based in São Paulo. She was born in the Baixada Fluminense region and has a degree in visual arts from Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. Her work moves between photography, painting and video, exploring self-knowledge and psychological conflicts that arise in social interaction. With paintings that mix reality and imagination, the artist creates reflexive spaces that suggest confinement and liberation, addressing the challenges imposed by social and environmental change. She was awarded prizes by *Artbattle 53* and *AALIBB* (2021), and has exhibited her work at the *34th Salão Bunkyo* (2024); the *29th Salão de Praia Grande* (SP, 2023); *Galeria Litt* (2024); *Núcleo Contemporâneo* (Madrid, 2024); and *Instituto Tomie Ohtake* (2023).

Sophia Pinheiro



Coração da terra [Earthen Heart], sem data [undated] / Urucum Huni Kuin, barro Huni Kuin e tinta natural [Huni Kuin urucum paint, Huni Kuin clay and natural paint] / 82 x 62 x 3 cm

Essa obra é a releitura de um desenho que fiz em 2018, depois de meu pai falecer. Ela se revelou após uma consulta com a sanadora Flor Medrano, indígena Maya, em um ritual de ayahuasca com Yaká Huni Kuin. Fiz essa pintura como um unguento, uma pussanga, para tirar de dentro de mim as dores. As que senti naquele momento e as que venho sentindo. Tenho artrite desde adolescente e no meio dessas pinturas estava em crise. Sigo tentando fazer com que as dores passem por mim, conversem comigo, saiam de mim e se transformem em outras coisas. *Coração da terra* é também uma ode a senhora de todas as cabeças, minha mãe água-serpente de transmutação. Oferta de comunicação entre o céu e a terra. Feita para agradecer pela vida e pela oportunidade de estar aqui.

This work is a rereading of a drawing I made in 2018, after the death of my father. The work revealed itself after I had a consultation with sanadora (healer) Flor Medrano, a Mayan indigenous person, in an ayahuasca ritual with Yaká Huni Kuin. I made the painting as an ointment, a spell, to remove the pain from inside myself. The pain I felt at that moment and the pain I've felt since. I have had arthritis since I was a teenager and I was going through a crisis while I was producing these paintings. I am still trying to make the pain pass through me, talk to me, flow out of me and turn into something else. Earthen Heart is also an ode to the lady of all heads, my mother in spirit, serpent-water in transmutation. It is an offering of communication between the sky and the earth, created to give thanks to life and the opportunity to be here.

Sophia Pinheiro (Goiânia, 1990). Pensadora visual: professora, educadora popular, artista visual e cineasta. Doutora em Cinema e Audiovisual (PPGCine-UFF), mestre em Antropologia Social (PPGAS-UFG) e Licenciada e Bacharel em Artes Visuais (FAV-UFG). É professora Titular do Departamento de Cinema da FAAP, em São Paulo, onde leciona Cinema Decolonial e Cinema Indígena e uma das coordenadoras e conselheiras da Katahirine - Rede Audiovisual das Mulheres Indígenas. Por meio de pinturas, desenhos, performances, fotografias e outros suportes audiovisuais, suas proposições artísticas confluem questões sobre pedagogias contracoloniais, mulheridades e ecologias, sendo atravessadas por seu ativismo feminista e em prol dos direitos indígenas.

Sophia Pinheiro (Goiânia, 1990) is a visual thinker: a teacher, popular educator, artist and filmmaker. She has a doctorate degree in cinema and audiovisual production from the Universidade Federal Fluminense – UFF, a master's degree in social anthropology and a bachelor's degree in visual arts, both from Universidade Federal de Goiás – UFG. She is a tenured professor in the cinema department of FAAP in São Paulo, where she lectures on Decolonial Cinema and Indigenous Cinema, and she is one of the coordinators and advisors of the Katahirine Audiovisual Network of Indigenous Women. Through paintings, drawings, performances, photography and other audiovisual media, her artistic proposals bring together issues of counter-colonial pedagogies, womanhood and ecologies, informed by her activism in both feminism and indigenous rights.

Stefanie Queiroz

Em memória é uma obra composta por cerâmicas de culto religioso recolhidas na Baía de Guanabara, na área do mangue, transpassadas pelas marcas do tempo e do mar. Alguns destes objetos gravam registros do Axexê (ritual funeral), onde os assentamentos dos Orixás são desfeitos. A série, que é mostrada predominantemente em círculos, simboliza o retorno e a continuidade de um mar que já foi travessia forçada e também Calunga Grande (cemitério) onde muitos ficaram. A obra tem o intuito de sacralizar e ressignificar imagens onde o corpo negro é representado de forma subalternizada por imagens de controle que circulam no imaginário coletivo.

In Memory is a work composed of ceramics used in religious worship, traversed by the marks of time and the sea, collected in the mangrove area of Guanabara Bay. Some of these objects are records of the Axexê (a funeral ritual), during which commitments to the Orixás are undone. The series, which is shown predominantly in circles, symbolizes the return and continuity of a sea that was once a forced passageway and also the Great Kalunga (graveyard), where many stayed behind. The work aims to sacralize and resignify images in which the black body is represented in a subaltern way by images of control that circulate in the collective imagination.

Stefanie Queiroz (Rio de Janeiro, 1989). Sua produção passeia por diferentes técnicas, se voltando com maior ênfase à produção de esculturas em cerâmica, onde suas perguntas acerca da existência humana são respondidas. A análise do cotidiano e da sociedade, a partir de hábitos culturais marcados pelo território, geram estranhamentos, mas também graça e reflexão. O estudo da cidade que já foi corte, capital e carrega feridas coloniais latentes, são transmutadas na busca pelo belo através da materialidade da cerâmica.

Artist Stefanie Queiroz (Rio de Janeiro, 1989) employs different techniques in her work, but focuses especially on the production of ceramic sculptures, where her questions about human existence are answered. The analysis of everyday life and society based on cultural habits affected by territory generates a strangeness, but also grace and reflection. She researches a city that was once a court and a capital burdened by latent colonial wounds that are transmuted by the search for beauty through the materiality of ceramics.

Em memória [In Memory], 2024 / Instalação [Installation] / Cerâmica [Ceramics] / Dimensões variáveis [Variable dimensions]



Tayná Uráz

Segundo Sopro é composta por uma imagem de sobreposição de fotografias de família, sendo uma foto 3x4 da minha mãe e um verso de fotografia da minha tia-avó, serigrafada em tecido de algodão cru e adaptada a um chassi. O trabalho compõe detalhes feitos à mão, como bordados de miçangas, formando desenhos inspirados em cosmovisões. Esses bordados funcionam como mapas visuais, enquanto a franja feita de miçangas penduradas remete ao movimento, evocando o sopro da vida e a passagem do tempo. A pena de faisão presente na obra representa o elemento espiritual. A feitura desta peça pensa sobre narrativas de conexão e transformação entre imagem, fotografia e manualidade.

Second Breath is composed of an image of overlapping family photographs, one of which is a passport picture of my mother and the other the backside of a photo of my great-aunt, silkscreened on raw cotton fabric and adapted to a frame. The work is made up of handmade details, such as embroideries of beads that form drawings inspired by cosmovisions. These embroideries function as visual maps, while the fringe of hanging beads suggests movement and evokes the breath of life and the passage of time. The pheasant feather included in the work represents the spiritual element. The making of this piece reflects on narratives of connection and transformations between image, photography and handicraft.

Tayná Uráz é artista visual. Trabalha com fotografia, instalação, audiovisual e pesquisas de imagens. Investiga as composições imagéticas da memória como instrumentos de registro documental e de criação de ficções. Entre a expansão da presença e dos sonhos, cria relações com espiritualidade, território, natureza e ancestralidade de identidades indígenas em contexto urbano.

Tayná Uráz is a visual artist who works with photography, installation, the audiovisual and image research. She investigates image compositions of memory as instruments for documentation and the creation of fiction. Between the expansion of presence and dreams, she creates relationships with spirituality, territory, nature and the ancestry of indigenous identities in an urban context.



Segundo Sopro [Second Breath], 2024 / Serigrafia sobre tecido, miçangas e pena
[Silkscreen on fabric, beads and feather] / 90 x 46 cm

Thaís Basilio

A obra aborda a gravidez na adolescência. Sempre tratada como tabu, a maternidade não planejada continua sendo uma realidade que acomete muitas jovens brasileiras. A gíria “mais nova”, utilizada como título da obra, faz referência à versão masculina da gíria “mais novo”, que significa “menor de idade” ou “criança”. Com uma das mãos tapando o rosto, a jovem estudante retratada na pintura faz uma famosa pose de “cria”, estabelecendo uma ambiguidade com o sentimento de timidez frente à sua atual condição.

This work addresses teenage pregnancy. Always treated as a taboo, unplanned motherhood remains a reality that affects many young Brazilian women. The latest slang term, mais nova (young'un), which is the title of the work, is a reference to the masculine version of the slang term mais novo (minor, or kid). With one hand blocking her face, the young student portrayed in the painting strikes the famous cria (homie) pose, expressing ambiguity towards the feeling of shyness about her current condition.

Mais Nova [Young'un], 2024 / Acrílica sobre painel [Acrylic on panel] / 93 x 73 x 4.5 cm / Foto [Photo] Aline Beatriz

Thaís Basilio (Rio de Janeiro, 1988). Nascida na Barreira do Vasco, na Zona Norte, a artista residiu por trinta anos em Belford Roxo, na Baixada Fluminense. Desenvolve uma pesquisa atravessada pelas seguintes questões: gênero, raça, trabalho, maternidade, fabricação de subjetividades e automatização do corpo. A artista busca explorar, através de linguagens como pintura, instalação e vídeoarte, um estudo acerca dos corpos subalternos. Em sua poética, inspira-se na partilha sensível de sua própria experiência enquanto mulher negra e mãe solo frente ao mundo neoliberal.

Thaís Basilio (Rio de Janeiro, 1988) was born in Barreira do Vasco, in the north zone of Rio de Janeiro. For thirty years she lived in Belford Roxo, in Baixada Fluminense. The research she develops is traversed by the following questions: gender, race, work, motherhood, the fabrication of subjectivities and automation of the body. Through languages such as painting, installation and video art, the artist seeks to explore a study of subaltern bodies. Her poetics is inspired by the sensitive sharing of her own experience as a black woman and single mother facing the neoliberal world.



Thais Borducchi

A obra *Farta* reflete o corpo gordo como elemento de resistência. É uma escultura têxtil que simula um corpo feminino gordo, com acabamento que utiliza pintura e tecidos rendados para criar texturas e volumes, destacando sua suavidade e exuberância. Ela celebra o corpo gordo feminino, evidenciando suas características únicas, enquanto problematiza sua representatividade na sociedade. Surge da necessidade de abordar as violências e discriminações enfrentadas por corpos gordos, resultantes dos padrões de beleza e estereótipos dominantes. Dessa forma, desafia padrões e busca promover uma representação mais inclusiva e empoderadora, tanto na sociedade em geral quanto na arte.

The work Fed Up (2024) shows the fat body as an element of resistance. It is a textile sculpture that simulates a fat female body, with a finish of paint and lace to create textures and volumes that highlight its smoothness and exuberance. The work celebrates the fat female body, underlining its unique characteristics while questioning its representation in society. It springs from the need to address the violence and discrimination experienced by fat bodies, which result from prevalent beauty standards and stereotypes; and from the need to challenge such standards and promote a more inclusive and empowering representation, both in society at large and in art.

Farta [Fed Up], 2024 / Algodão cru, fibra siliconada, tinta para tecido e renda [Raw cotton, siliconized fibre, fabric paint and lace] / 150 x 70 x 50 cm

Thais Borducchi, artista visual paulistana, investiga a temática da gordofobia, empregando em seus trabalhos uma variedade de técnicas para explorar tanto questões que envolvem o preconceito enfrentado pelas mulheres gordas, quanto a importância de celebrar suas formas singulares. A artista parte da própria experiência como mulher gorda para explorar como as vivências individuais e as interações sociais estão conectadas e influenciam na maneira como entendemos e interpretamos certas realidades.

Thais Borducchi is an artist from São Paulo who researches themes related to fatphobia, using a range of techniques in her works to explore questions regarding the prejudice faced by fat women as well as the importance of celebrating their singular shapes. The artist starts from her own experiences as a fat woman to explore how individual experiences and social interactions are connected and influence the way we understand and interpret certain realities.



Thaís Muniz

Muniz propõe este diagrama como um mapa para evocar o amor interior e a magia pessoal, unindo as cosmologias Iorubá e Druídica, que veneram a natureza como divindade. A obra *Ori Axé Ogham* parte da pesquisa *Novas Triangulações Atlânticas* e explora saúde mental, alegria e transitoriedade. Combina geometrias sagradas e linguagens ancestrais que denotam proteção e orientação, com formas de arco e flecha (Òfá). Triângulos invertidos simbolizam a vulva e a inversão das pirâmides sociais, enquanto inscrições em Ogham soletram “Axé” e “Ori”, enraizadas na pedagogia das encruzilhadas. Linhas paralelas interseccionam círculos de continuidade e formam um olho, evocando um despertar para o poder interior.

Muniz proposes this diagramme as a map for summoning inner love and personal magic, uniting Yorubá and Druidic cosmologies, which venerate nature as a deity. The work Ori Axé Ogham is part of the New Atlantic Triangulations research and explores mental health, joy and transience. It combines sacred geometries and ancestral languages that suggest protection and guidance, with the forms of bow and arrow (Òfá). Inverted triangles symbolize the vagina and the inversion of social pyramids, while inscriptions in Ogham spell Axé and Ori, which are rooted in the pedagogy of the crossroads. Parallel lines intersect with continuous circles and form an eye, evoking an awakening to inner power.

Ori Axé Ogham, 2024 / Serigrafia sobre tecido de algodão com sobreposição de chiffon translúcido [Silkscreen on cotton fabric with overlay of translucent chiffon] / 590 x 106 x 35 cm / Foto [Photo] John Beasley

Thaís Muniz é artista visual brasileira-irlandesa cuja prática transdisciplinar investiga as interseções entre identidades herdadas e adquiridas, trânsito e amor próprio. Seus processos artísticos envolvem processos colaborativos sensíveis, ativando espaços e explorando as geopolíticas dos territórios por meio de oficinas, performances, instalações, esculturas e filmes. Muniz ressignifica representações de alteridade, articulando recusa, sonhos e magia pessoal para reimaginar realidades.

Thaís Muniz is an Irish-Brazilian visual artist whose transdisciplinary practice investigates the intersections of inherited and acquired identities, transit and self-love. Her artistic processes involve sensitive collaborative processes, which activate spaces and explore the geopolitics of territories through workshops, performances, installations, sculptures and film. Muniz resignifies representations of alterity, articulating refusal, dreams and personal magic to reimagine realities.



Vix Palhano



Nossa Casa [Our House], 2024 / Látex e vergalhão de ferro [Latex and iron rebar] / 120 x 83 cm /
Foto [Photo] Rodrigus Pinheiro

Nossa Casa é uma escultura de látex que apresenta a forma aberta de uma “casa” ou uma fabulação de casa em moldes simplificados. O trabalho reflete sobre os níveis de veracidade dessa instituição tão estabelecida, assim como suas demarcações em nossos corpos. Penso o corpo como uma casa e a casa como um corpo. Na obra, o material e a forma estabelecem um diálogo com as relações de lar, casa e família entre pessoas queer, investigando necessidades de vínculo, manutenção e (re)significação dessas estruturas.

Our House is a sculpture in latex that displays the open shape of a ‘house’ or the fabulation of one in simplified terms. The work reflects on the truth levels of this well-established institution, as well as the boundaries it installs in our bodies. I think of the body as a house and the house as a body. In the work, material and form create a dialogue with the relations of home, house and family among queer people, investigating the need for bonding, maintenance and (re)signifying such structures.

Vix Palhano (Rio de Janeiro, 2002) é graduanda em Escultura pela Escola de Belas Artes EBA/ UFRJ. Sua pesquisa pensa e articula os corpos (ou as corpos) tidas por “não verdadeiras” dentro das relações de mundo instauradas pelo biopoder, pensando o que é e o que não é artificial, e o lugar de presença de identidades e indivíduos entendidos como não reais. Em 2023, participou da residência *Imersão em Artes Visuais*, do Parque Lage. Integrou exposições coletivas em espaços como a Galeria Vermelho, o Centro de Artes Hélio Oiticica e o Museu da República.

Vix Palhano (Rio de Janeiro, 2002) is a graduate student in sculpture at the Escola de Belas Artes EBA/UFRJ. Their research thinks and articulates bodies deemed ‘not real’ within the worldly relations established by biopower, reflecting on what is or isn’t artificial and the place for the presence of identities and individuals who are not considered real. In 2023, they took part in the Imersão em Artes Visuais residency programme at the Parque Lage School of Visual Arts. They have taken part in group exhibitions in spaces such as Galeria Vermelho, Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica and Museu da República.

Waleff Dias



Te cuida, que o rio há de fazer nossas cabeças [Take Care, Because the River Shall Blow Our Minds], 2023-2024 / Performance
/ 6161 x 4107 cm / Foto [Photo] Paula Barbosa

Trazendo as águas como fundamento que nos unem pelos sonhos, pelos corpos, pelo amor e pela honra, o artista, em posição ortostática, descalço e vestindo uma calça e uma camisa social, segura com as mãos um aquário de vidro, redondo e grande, contendo água do rio ou do mar, na altura do abdômen. Ele caminha, fazendo um deslocamento, enquanto movimenta os braços de forma espiralada, agitando a água dentro do aquário. Durante o processo, observa atentamente e, no bolso esquerdo da camisa, sobre o coração, estão fones de ouvido conectados a um aparelho reproduzidor de áudio, por meio do qual o público pode ouvir um diálogo entre o artista e seus pais, em uma de suas partidas. Juntos, eles refletem sobre o que esse diálogo pode ensinar acerca dos assuntos em questão.

Introducing water as a fundamental element that unites us through dreams, bodies, love and honour, the artist stands in an upright position, barefoot and wearing a formal shirt and trousers, holding in his hands, at waist height, a round large glass aquarium that contains river or sea water. He walks around while moving his arms in a spiral shape, causing a disturbance in the aquarium water. During the process he observes attentively and in the left pocket of his shirt, just above the heart, are headphones connected to an audio player, through which the audience can listen to a dialogue between the artist and his parents, in one of his games. Together, they reflect on what this dialogue can teach about the matters at hand.

Waleff Dias (Macapá/AP, 1993). Vive e trabalha entre o Amapá e o Rio de Janeiro. É psicólogo, artista interdisciplinar e pesquisador, mestre em Artes Visuais (UnB, Brasília) e doutorando em Psicologia (UFF, Rio de Janeiro). Sua poética dedica-se ao combate a violência antinegro por meio de três eixos principais: o impacto da mestiçagem; o dilema incontornável de ser homem negro e as masculinidades para além da perseguição imposta aos homens negros pelo Ocidente; e a diáspora geográfica, social e cultural, ou, em outras palavras, memória, saudade e a honra aos antepassados. Participou de exposições e mostras coletivas, como a 1ª Bienal das Amazônias: *Bubuia* (Belém/PA, 2023), *Dos Brasis: Arte e pensamento negro* (São Paulo/SP, 2023), *Festival Lacerção: Arte e Cultura LGBTQ+* (Vitória/ES, 2019) e 4ª Ed. *Festival Corpus Urbis* (Oiapoque/AP, 2018).

*Waleff Dias (1993, Macapá, AP) lives and works between the states of Amapá and Rio de Janeiro. He is a psychologist, interdisciplinary artist and researcher with a master's degree in visual arts from Universidade Federal de Brasília (UnB) and a doctoral degree in Psychology from Universidade Federal Fluminense (UFF). His poetics are dedicated to the fight against anti-black violence through three main axes: the impact of miscegenation; the inescapable dilemma of being a black man and masculinities beyond the persecution of black men by the West; and the social, cultural and geographical diaspora, in other words, memory, longing and honouring ancestors. He took part in exhibitions and other collective shows, such as the 1st Bienal das Amazônias: *Bubuia* (Belém, PA, 2023); *Dos Brasis: Arte e pensamento negro* (São Paulo, SP, 2023); *Festival Lacerção: Arte e Cultura LGBTQ+* (Vitória, ES, 2019); and the 4th Festival Corpus Urbis (Oiapoque, AP, 2018).*

Washington da Selva

Na escultura têxtil *A Coroação*, Da Selva produz bordados e ornamentos sobre a cultura do quiabo na contraditória vestimenta utilizada para aplicação de agrotóxicos. O artista, ex-produtor da agricultura familiar sem terra, utiliza o bordado para devolver as memórias e as gestualidades da agricultura familiar para o tecido que protege o corpo de quem trabalha para a monocultura exposto aos pesticidas. Num movimento que retoma as memórias de trabalho do pai, dos tios e da família, sob a presença do racismo ambiental e numa roça cercada pelas lavouras de café de um ambiente tóxico e adoecedor.

For his textile sculpture The Crowning, da Selva embroidered and decorated the contradictory garment used for applying pesticides, with images about okra crop production. The artist, a former landless farmer, uses embroidery to return the memories and the gestures typical of family agriculture to a fabric that protects the bodies of those who work in monoculture and are exposed to pesticides. It is a movement that resumes his father's, uncles' and family's memories of a job carried out in the context of environmental racism and on farmland surrounded by coffee plantations in a toxic and illness-inducing environment.

A Coroação [The Crowning], 2021-2023 / Bordado em conjunto EPI (touca árabe, camisa, calça) Embroidery on PPE clothing (headgear, shirt and trousers) / 190 x 44 x 35 cm

Washington da Selva (Carmo do Paranaíba, 1991. Vive em Salvador). É artista visual e ex-produtor da agricultura familiar sem-terra, atualmente cultiva imagens a partir de técnicas como: desenho, pintura, escultura, fotografia e têxteis. A sua pesquisa artística lida com os contrastes entre a zona rural, a cidade e a cultura digital, aprofundando diálogos sobre as noções de trabalho, território e identidade. Participações incluem o Prêmio DASartes 2021 e o 8º Prêmio Nacional de Fotografia Pierre Verger.

Washington da Selva (Carmo do Paranaíba, 1991) is a visual artist and former landless farmer who currently lives in Salvador and produces images through processes such as drawing, painting, sculpture, photography and textile production. His artistic research deals with the contrasts between rural areas, the city and digital culture, deepening dialogues on notions of work, territory and identity. He has taken part in the 2021 edition of the DASartes Awards and the 8th Pierre Verger National Award in Photography, among others.



A GENTIL CARIOCA

EQUIPE [TEAM] Rio de Janeiro

Sócios *[Partners]*

Ernesto Neto, Laura Lima, Márcio Botner e/and Elsa Ravazzolo Botner

Diretores Executivos *[Executive Directors]*

Elsa Ravazzolo Botner e/and Márcio Botner

PRODUÇÃO [PRODUCTION]

Diretor de Produção & Administração *[Director of Production & Administration]*

Artur Miranda

Curadoria & Artist Liaison *[Curator and Artist Liaison]*

Bianca Bernardo

Produtora Institucional *[Institutional Relations Producer]*

Julia Rebello

Produção e Logística *[Production and Logistics]*

Luiza Martelotte

Assistente de Produção *[Production Assistant]*

Andressa Abbagliato

CONTEÚDO [CONTENT]

Produtora de Conteúdo e Comunicação & Assistente de vendas
[Producer of Content and Communication & Sales Assistant]

Maria Faoro

Especialista em Catalogação e Arquivo *[Collection and Cataloguing Specialist]*

Julia Maria

Identidade Visual *[Visual Identity]*

Liliane Kemper

Design

Daniel Rocha

FINANCEIRO [FINANCE]

Diretor Financeiro *[Financial Director]*

Alberto Evaristo Bernabé

Analista Financeiro & TI *[Financial Analyst & IT]*

Vinícius Amorim Tavares

Analistas Financeiro *[Financial Analysts]*

Bárbara Cunha Dantas Dória

Marcella de Vasconcelos Souza

MONTAGEM [INSTALLATION]

Montagem e Acervo *[Art Handler and Collection Support]*

Fagner França

Victor Lorenzetto

Michell Fellipe

Assistente de Manutenção, Montagem e Acervo *[Maintenance, Art Handler and Collection Assistant]*

Fábio Gomes

Serviços Gerais *[General Services]*

Maria José Venâncio Sales

EQUIPE [TEAM] São Paulo

Diretora de Vendas Unidade São Paulo *[Director of Sales São Paulo]*

Juliana Asmir

Produtora & Assistente de vendas *[Producer & Sales Assistant]*

Cláudia Adorno

ABRE ALAS 20
EXPOSIÇÃO [EXHIBITION]

Curadoria *[Curatorial Team]*

Ana Carolina Ralston

Bianca Bernardo

Catarina Duncan

Georgiana Rothier

Thayná Trindade

Coordenador de produção *[Production Coordinator]*

Artur Miranda

Produção *[Production]*

Thais Medeiros

Assistente de produção *[Production Assistant]*

Andressa Abbagliato

CATÁLOGO [CATALOGUE]

Design gráfico *[Graphic Design]*

Liliane Kemper

Edição de texto e Revisão *[Editing and Proofreading]*

Thais Medeiros

Tradução *[Translation]*

Tanja Baudoin e/and Hudson Rabelo

Fotografia *[Photography]*

Pedro Agilson



Publicado pela A Gentil Carioca por ocasião da exposição Abre Alas 20, no Rio de Janeiro, na sede da galeria A Gentil Carioca, entre 22/02/2025 e 26/04/2025, com curadoria de Ana Carolina Ralston, Bianca Bernardo, Catarina Duncan, Georgiana Rothier e Thayná Trindade.

Published by A Gentil Carioca on the occasion of the exhibition Abre Alas 20, in Rio de Janeiro, at the A Gentil Carioca, from February 22nd to April 26th 2025, curated by Ana Carolina Ralston, Bianca Bernardo, Catarina Duncan, Georgiana Rothier e Thayná Trindade.

